

MANEJO DE DOENÇAS DE SERINGUEIRA EM VIVEIRO

Adriana Novais Martins

Eng. Agr., Dr^a, PqC UPD de Marília/Polo Regional Centro Oeste/APTA

adrianamartins@apta.sp.gov.br

Arlindo Pinheiro da Silveira

Eng. Agr., PqC Aposentado do Instituto Biológico/APTA

apinheirodasilveira@gmail.com

Bárbara Tamires Lucas da Silva Sales

Téc. Agr., estagiária UPD Marília/ Polo Regional Centro Oeste/APTA

bah.sales@hotmail.com

Os viveiros de produção de mudas constituem um ambiente extremamente propício ao desenvolvimento de doenças de plantas. As condições destes locais (umidade elevada, uso de substrato estéril, temperatura) associadas às características fisiológicas dos hospedeiros (tecidos vegetais tenros com brotações novas) e a fatores físicos (número elevado de mudas por metro quadrado de viveiro) predispõem as plantas ao aparecimento de doenças. Quando estas ocorrem, o viveirista precisa estar preparado, pois normalmente as condições citadas fazem com que os danos causados sejam extensos e muito rápidos.

No caso específico da seringueira (*Hevea brasiliensis* (Willd. ex. Adr. de Juss.) Muell. Arg.), a mudança do sistema de produção de mudas comerciais, prevista na Instrução Normativa n. 29 de 5 de Agosto de 2009, publicada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA (BRASIL, 2009), fez com que os produtores de mudas desta espécie iniciassem a adequação ao novo sistema produtivo. Antes produzidas em ambientes abertos e com a utilização de solo como substrato, agora as mudas de seringueira serão produzidas em ambientes fechados (estufas/casas de vegetação), em

bancadas (suspensas) e com substratos comerciais (estéreis) (Figura 1). Estas mudanças significativas no processo produtivo fazem com que o produtor atente para a incidência de doenças, principalmente aquelas causadas por fungos.



Figura 1. Vista parcial de um viveiro de mudas de seringueira em bancadas suspensas (Foto: Adriana N. Martins)

Dentre estas doenças, destacam-se duas, a saber:

- Antracnose

A antracnose é uma doença fúngica muito comum, tendo sido relatada em seringueira pela primeira vez em um surto ocorrido no município de Porto Feliz, em 1987. Na seringueira, o agente causal é o fungo *Colletotrichum gloeosporioides* Penz., que pode atacar folhas jovens, ramos e ponteiros. Em situações de plantio adulto, ataca também o painel de sangria, inflorescências e frutos. O patógeno é favorecido por temperatura do ar ao redor de 21°C e umidade relativa acima de 90%, com presença de água livre (molhamento) para que a infecção ocorra (SILVEIRA & FURTADO, 1997; FURTADO, 2008). Estas condições são características de viveiros, tornando esta doença a mais comum no processo de produção de mudas desta espécie, sendo que os danos ocorrem rapidamente e podem ser extensos e significativos quando as plantas não são acudidas prontamente.

Os sintomas (Figura 2) iniciam normalmente em folhas jovens, causando pequenas lesões marrom-avermelhadas, que podem coalescer (se unir) deformando os folíolos. Nos pecíolos e brotações provocam lesões escuras, com depressões. Nas condições de viveiros provoca desfolha severa das mudas, morte da gema apical e seca descendente da planta.

Normalmente no centro da lesão ocorre a formação de uma massa de coloração rósea (esporos), característica deste fungo.

Além destes danos, esta doença pode causar ainda outros problemas como dificultar o descolamento da casca dos porta-enxertos, baixo pegamento da enxertia; e no caso de incidência em jardim clonais ocasiona a morte de hastes destinadas à produção de gemas para a enxertia.



Figura 2. Sintomas de antracnose em brotação de seringueira (Foto: Arlindo Pinheiro da Silveira)

O uso de sementes para a formação de porta-enxertos coletadas de plantas sadias colabora para o manejo desta doença, uma vez que o fungo pode ser disseminado aderido à superfície externa destas sementes. O correto manejo da irrigação das mudas é outra prática que favorece a sanidade das plantas. O controle químico deve ser feito preventivamente, com aplicações regulares de fungicidas a base de cobre (oxicloreto de cobre) e chlorothalonil. As inspeções no viveiro para a identificação de sintomas devem ser periódicas, sendo que aos primeiros sinais da doença, as pulverizações devem ser intensificadas. Outra prática muito importante no manejo desta doença é a nutrição das mudas; o uso de adubos de liberação lenta no substrato deve ser associado às adubações foliares com nitrato de cálcio e também fosfito de potássio, que conferem às plantas maior vigor e enfolhamento uniforme.

- Oídio

O oídio é uma doença fúngica causada pelo patógeno *Oidium heveae* Stenn. Foi relatada pela primeira vez em 1958 no Estado de São Paulo e logo depois foi erradicada. Após mais de 30 anos, foi observada novamente em um seringal no município de Tabapuã, SP.

Este fungo é um parasita obrigatório (somente sobrevive na presença do hospedeiro), causando o aparecimento de um micélio (mofo) branco superficial (Figura 3) nas duas faces dos folíolos de seringueira. Normalmente ocorre em folhas jovens, mas pode aparecer em folhas maduras (Figura 4). Quando ocorre somente na face inferior da folha, apresenta uma mancha clorótica na face oposta. Pode causar desfolha intensa em situações de viveiro. Este fungo é favorecido por temperaturas amenas (13-17°C), umidade relativa de 75 a 80% e luminosidade reduzida (SILVEIRA & FURTADO, 1997). Esta doença ataca praticamente todos os materiais de seringueira, entretanto o clone PB 235 é mais sensível a este patógeno.

O controle normalmente é feito com pulverizações preventivas de produtos a base de enxofre, com intervalos de 7 dias. Outros defensivos do grupo dos triazóis (tebuconazol, difenoconazol, tiabendazol) mostram resultados promissores no controle deste fungo.



Figura 3. Sintoma da ocorrência de oídio em mudas de seringueira (Foto: Arlindo Pinheiro da Silveira).



Figura 4. Porta-enxertos de seringueira infectados com oídio (Foto: Arlindo Pinheiro da Silveira)

Referências Bibliográficas

BRASIL, MAPA: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Instrução Normativa nº 29**, 5 de Agosto de 2009.

FURTADO, E.L. Doenças das folhas e do caule da seringueira. In: ALVARENGA, A. de P.; CARMO, C. A. F. de S. do (Coord.) **Seringueira**. Viçosa: EPAMIG, 2008. P. 499-534.

SILVEIRA, A.P.; FURTADO, E.L. **Doenças da seringueira no Estado de São Paulo**. São Paulo: Instituto Biológico, 1997. 30p. (Boletim Técnico, 7)